



**TEOLOGIA
EM REVISTA**

Jesus Cristo nos Evangelhos: Uma Análise a Partir da Teologia Bíblica

**Ademir Benedito dos Santo Junior
Eder Germano Ramos Leite
Hosana Pereira dos Santos
Samuel Antides Gomes Vieira da Silva**

JESUS CRISTO NOS EVANGELHOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TEOLOGIA BÍBLICA

Ademir Benedito dos Santos Junior ¹

Eder Germano Ramos Leite ²

Hosana Pereira dos Santos ³

Samuel Antides Gomes Vieira da Silva ⁴

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar a figura de Jesus Cristo nos Evangelhos a partir da perspectiva da Teologia Bíblica, utilizando como referenciais principais Walter C. Kaiser Jr. e Roy B. Zuck. Partindo do conceito de revelação progressiva e da centralidade da promessa divina, busca-se compreender como os Evangelhos apresentam Cristo como o cumprimento das promessas do Antigo Testamento e como expressão máxima do plano salvífico de Deus. Metodologicamente, o trabalho se fundamenta em uma análise teológica e exegética dos Evangelhos, destacando as especificidades de cada evangelista e relacionando-as ao fio condutor da revelação. Os resultados apontam para a unidade temática da Escritura, cuja cristocentricidade se confirma na vida, obra, morte e ressurreição de Jesus. A reflexão demonstra ainda que, embora cada evangelista apresente ênfases distintas, todos convergem em reconhecer Jesus como Filho de Deus e consumidor da promessa divina. Conclui-se que a Teologia Bíblica, ao demonstrar a unidade orgânica do Antigo e Novo Testamento em torno da promessa, oferece bases sólidas para uma compreensão integral da cristologia nos Evangelhos.

Palavras-chave: Jesus Cristo - Evangelhos - Teologia Bíblica - Promessa - Revelação Progressiva.

¹ Ademir Benedito dos Santos Junior é professor nos cursos de Graduação em Teologia e no curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Evangélica de São Paulo. Doutorando em Educação é Mestre em Psicologia Educacional, Pós-graduado em Formação de Professores para o Ensino Superior, em Formação em Educação a Distância e em História, Sociedade e Cultura. Sua formação de nível superior inclui Bacharelado em Teologia e em História, e Licenciatura em Pedagogia, Geografia, História, Filosofia, Sociologia e Empreendedorismo. E-mail: prof.ademirsantosjr@faculdefaesp.edu.br.

² Eder Germano Ramos Leite é graduando em Teologia pela Faculdade Evangélica de São Paulo.

³ Hosana Pereira dos Santos é bacharel em Enfermagem e, atualmente, também cursa Bacharelado em Teologia pela Faculdade FAESP.

⁴ Samuel Antides Gomes Vieira da Silva é graduando em Teologia pela Faculdade Evangélica de São Paulo.

Abstract

This article aims to analyze the figure of Jesus Christ in the Gospels from the perspective of Biblical Theology, using Walter C. Kaiser Jr. and Roy B. Zuck as primary references. Starting from the concept of progressive revelation and the centrality of the divine promise, it seeks to understand how the Gospels present Christ as the fulfillment of Old Testament promises and as the ultimate expression of God's salvific plan. Methodologically, the work is based on a theological and exegetical analysis of the Gospels, highlighting the specificities of each evangelist and relating them to the guiding thread of revelation. The results point to the thematic unity of Scripture, whose Christocentric nature is confirmed in the life, work, death, and resurrection of Jesus. The reflection also shows that, although each evangelist presents distinct emphases, all converge in recognizing Jesus as the Son of God and the consummator of the divine promise. It is concluded that Biblical Theology, by demonstrating the organic unity of the Old and New Testaments around the promise, provides solid foundations for a comprehensive understanding of Christology in the Gospels.

Keywords: Jesus Christ – Gospels – Biblical Theology – Promise – Progressive Revelation.

Introdução

A figura de Jesus Cristo ocupa lugar central na fé cristã e na tradição teológica. Os Evangelhos, enquanto testemunhos privilegiados de sua vida e obra, constituem a principal fonte para a compreensão de sua identidade. A Teologia Bíblica ao propor uma leitura da revelação divina em sua progressividade histórica e em sua unidade cristocêntrica, oferece um referencial metodológico essencial para interpretar a apresentação de Cristo nas narrativas evangélicas, criando assim a base sobre a qual se sustenta a reflexão a seguir.

Nesse cenário, destacam-se as contribuições de Walter C. Kaiser Jr. e Roy B. Zuck, cujas abordagens enriquecem a compreensão da centralidade de Cristo. Kaiser desenvolve o conceito do “plano de promessa de Deus”, evidenciando-o como o cumprimento da aliança divina. Zuck, por sua vez, oferece uma metodologia exegética que privilegia o contexto histórico-gramatical e a aplicação da revelação bíblica para a vida da igreja. A articulação dessas perspectivas não apenas complementa a visão da Teologia Bíblica apresentada anteriormente, mas também fundamenta a análise aqui proposta, cujo foco é compreender como os Evangelhos revelam Jesus como o centro da história da salvação.

A relevância deste estudo se justifica tanto no campo teológico, ao aprofundar a compreensão da cristocentricidade bíblica, quanto no acadêmico, ao oferecer subsídios metodológicos para o diálogo entre Antigo e Novo Testamento, e também no âmbito eclesial, ao reforçar a centralidade de Cristo para a vida da igreja contemporânea.

Diante dessa relevância, surge o problema que orienta a pesquisa: de que maneira os Evangelhos apresentam Jesus como cumprimento do plano divino de salvação e como essa apresentação pode ser compreendida à luz da Teologia Bíblica?

Para responder a essa questão, o estudo assume como objetivos específicos: analisar a forma como os evangelistas apresentam a pessoa e a obra de Cristo; compreender o conceito de promessa e aliança desenvolvido no Antigo Testamento em sua relação com o Novo Testamento; e identificar a unidade da revelação bíblica à luz da centralidade de Cristo.

A metodologia adotada envolve a exegese dos textos evangélicos em diálogo com o contexto veterotestamentário, a análise comparativa entre as perspectivas de Kaiser e Zuck e a revisão bibliográfica crítica de autores representativos da Teologia Bíblica. Essa abordagem busca assegurar tanto a fidelidade à mensagem bíblica quanto a consistência acadêmica necessária para a pesquisa, estabelecendo um percurso coerente que possibilite alcançar os objetivos propostos.

1. Referencial Teórico

O estudo da teologia bíblica tem recebido contribuições significativas de diferentes autores que, a partir de perspectivas variadas, buscam compreender a unidade e a progressão da revelação. Zuck (2009; 2016), em sua Teologia do Novo Testamento, apresenta uma análise panorâmica dos escritos neotestamentários, ressaltando a centralidade de Cristo e a progressividade da revelação. Merrill (2009), em Teologia do Antigo Testamento, evidencia a importância da aliança e da promessa como eixos estruturantes da história redentiva. De forma complementar, Kaiser (2011), em O plano da promessa de Deus, propõe uma abordagem que conecta Antigo e Novo Testamentos, destacando a continuidade da promessa divina como fio condutor da Escritura.

Na tradição clássica, Von Rad (2006) e Jeremias (2008) se destacam ao apresentar leituras teológicas que influenciaram gerações: o primeiro pela ênfase na história da salvação e o segundo por uma sistematização da teologia do Novo Testamento a partir dos ensinamentos de Jesus e da comunidade primitiva. Marshall (2007) segue a mesma direção ao organizar os temas centrais do Novo Testamento com atenção ao contexto histórico e teológico dos escritos.

Outras contribuições importantes podem ser vistas em Alexander e Rosner (2009), no Novo Dicionário de Teologia Bíblica, que reúne múltiplas abordagens e categorias temáticas; em Gundry (1998), que apresenta um panorama histórico e literário do Novo Testamento; e em Richards (2008), que auxilia a compreensão do contexto histórico-cultural dos escritos apostólicos. Bruce (2010), por sua vez, reforça a confiabilidade histórica dos documentos neotestamentários, aspecto essencial para a fundamentação da teologia bíblica.

Ainda, Vos (2010) é considerado um dos pioneiros ao estabelecer a teologia bíblica como disciplina autônoma, propondo uma leitura que valoriza a progressão histórica da revelação. Zuck (1994), em A interpretação bíblica, contribui para a hermenêutica, oferecendo instrumentos para a correta compreensão do texto.

Roy B. Zuck (1932–2013) foi um teólogo evangélico norte-americano, professor de Teologia Bíblica e Educação Cristã no Dallas Theological Seminary. Atuou também como editor executivo da Bibliotheca Sacra e produziu obras amplamente utilizadas na educação cristã.

Entre suas contribuições para a Teologia Bíblica, destacam-se: a ênfase na interpretação literal-histórico-gramatical das Escrituras; a defesa da unidade entre Antigo e Novo Testamento, especialmente em sua Teologia Bíblica do Antigo e do Novo Testamento (em parceria com Darrell Bock); e a aplicação prática da teologia bíblica para a vida da igreja.

Walter C. Kaiser Jr. (1933) é um teólogo e biblista norte-americano, doutor em Hebraico e Línguas Cognatas pela Brandeis University. Foi Reitor e Presidente do Gordon-Conwell Theological Seminary e é reconhecido por sua defesa da unidade das Escrituras. Kaiser propôs a noção de promise-plan of God (“plano da promessa de Deus”) como eixo central da revelação bíblica, ressaltando o cumprimento em Cristo. Sua obra *Toward an Old Testament Theology* tornou-se uma das mais influentes do século XX, por enfatizar a progressividade da revelação e a coerência interna do Antigo Testamento.

1.1 Revisão de Literatura

A revisão de literatura é uma etapa essencial da pesquisa científica, pois situa o trabalho do pesquisador no contexto das produções já existentes e permite identificar lacunas a serem exploradas (APOLINÁRIO, 2011). Mais do que um levantamento de fontes, a revisão constitui uma análise crítica das obras, possibilitando a construção de um referencial teórico sólido e atualizado (KÖCHE, 2011; LAKATOS; MARCONI,

2003). Além de orientar a fundamentação teórica, a revisão também contribui para o planejamento metodológico, ajudando a delimitar o objeto de estudo e a escolher as melhores abordagens (PRODANOV; FREITAS, 2013; SEVERINO, 2013).

Esse processo deve ser contínuo e realizado de forma crítica, com seleção criteriosa das fontes e abertura a diferentes perspectivas, ampliando a compreensão do pesquisador (DEMO, 1985). No campo da teologia, Osborne (2009) ressalta que obras voltadas ao Antigo e ao Novo Testamento, bem como estudos sobre usos e costumes do período bíblico, são ferramentas indispensáveis para a interpretação do texto, oferecendo tanto fundamentos históricos quanto apoio exegético.

1.2 Conceito de Teologia Bíblica

Partindo do ponto de vista de Kaiser (2011) e Zuck (2009; 2016), o conceito de teologia bíblica apresenta diferentes formas. A primeira delas é a revelação progressiva, que diz respeito à disponibilização do plano de Deus para a humanidade e a criação em geral, conhecido como plano salvífico.

Essa revelação é dada por Deus ao longo da história, ocorrendo de maneira gradual, o que se percebe claramente no desenvolvimento de certas doutrinas bíblicas. Trata-se, portanto, de um processo contínuo pelo qual Deus manifesta sua vontade e seu plano. Outro aspecto relevante é a análise do contexto histórico, cultural e social, que permite compreender como a revelação foi entendida pelos leitores originais e, a partir disso, identificar sua aplicação em nosso tempo.

A unidade das Escrituras também é fundamental, pois a Bíblia deve ser vista como um único livro em harmonia constante em tudo o que declara. Além disso, a cristocentricidade das Escrituras constitui um elemento basilar, já que, à luz dos escritos neotestamentários e em consonância com os registros canônicos veterotestamentários, percebe-se: a ligação entre o que foi prometido, o que já se cumpriu e o que ainda se cumprirá.

Em todo esse processo, Cristo é o fio condutor, o centro que consuma todas as promessas feitas, cumpridas e ainda prometidas.

1.3 O Plano da Promessa e a Teologia Bíblica

Kaiser (2011) faz uma análise interessante e demonstrativa sobre a distinção entre teologia bíblica e teologia sistemática. Fica evidente que ele faz uma provocação interessante aos estudantes de teologia, ao demonstrar que, de modo constante, a sistemática utiliza temas, tais como: Deus, homem, pecado etc.

Enquanto a teologia bíblica se ocupa do que ele chama de “palavra declarada”. Ao usar essa expressão, ele se refere a uma das distinções entre essas duas áreas.

Ao usar essa expressão “Palavra Declarada”, ele está se referindo a uma das distinções centrais entre essas duas áreas: a Teologia Sistemática organiza os dados bíblicos de forma tópica e finalizada (por exemplo, estudando a doutrina do Homem); enquanto a Teologia Bíblica se concentra na ordem progressiva e histórica da revelação, rastreando como as promessas divinas se desenvolvem e se cumprem ao longo do cânon.

Não há um abandono, por parte da teologia bíblica, das promessas proferidas pelo próprio Deus no A.T. Por exemplo, quando em Gênesis 3 (NVI), Deus profere o que chamamos tardiamente de Protoevangelho. Em que se diz: “Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e a descendência dela, que ferirá a sua cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar.” Na teologia bíblica, não se faz um abandono a essa declaração de Deus, mas uma manutenção constante ao longo da revelação bíblica.

2. O Cristocentrismo na Teologia Bíblica

No livro Teologia do Novo Testamento: Múltiplos relatos, uma Boa Nova, o eminente teólogo I. Howard Marshall oferecem uma perspectiva profundamente cristocêntrica. Para Marshall, a totalidade da crença cristã e a mensagem integral do Novo Testamento gravitam em torno da figura e da ação de Jesus Cristo.

Embora reconheça a particularidade com que cada autor bíblico expressa a fé, Marshall sustenta a existência de uma harmonia fundamental que perpassa todos esses relatos: a convicção de que Jesus é o cumprimento das promessas divinas e o agente primordial da redenção.

Em essência, a mensagem cristã transcende a mera aceitação de um conjunto de ideias ou dogmas, consistindo na declaração de um Ser Vivo – Jesus, o Cristo.

Segundo Marshall, a verdadeira unidade do Novo Testamento reside não em complexas teorias teológicas, mas na pessoa de Cristo. Cada evangelista, apóstolo e autor sagrado comunica-se por meio de sua voz singular e em seu contexto específico, mas todos convergem para o mesmo foco: Jesus é a revelação plena de Deus e o ponto culminante da história da salvação.

Dessa forma, a crença cristã, em sua natureza intrínseca, não se configura como uma aceitação meramente intelectual, mas como uma relação de confiança e submissão a essa Pessoa que se encarnou, viveu entre os homens e manifestou o coração de Deus.

Ao refletir sobre a identidade de Jesus, Marshall destaca duas facetas indissociáveis: a verdadeira humanidade e a plena divindade. Ele demonstra que Jesus é o Messias prometido, plenamente inserido na história e na cultura de Israel, um indivíduo que vivenciou o sofrimento humano e manteve uma obediência integral ao Pai.

Simultaneamente, esse Jesus histórico é também o Filho de Deus em um sentido exclusivo – não apenas um homem inspirado, mas Aquele que compartilha a própria essência divina. Ele é o Senhor exaltado, o cerne da adoração cristã e o fundamento da fé.

No que concerne à obra de Cristo, Marshall postula que a cruz ocupa uma posição central. A morte de Jesus é o ápice da obediência e o meio eficaz pelo qual a humanidade é reconciliada com Deus. Nela se manifestam, de maneira perfeita, o amor e a justiça divinos. A cruz, na análise de Marshall, não é um mero símbolo de padecimento, mas o ato real e salvífico por intermédio do qual Deus oferece perdão e restauração ao mundo.

A ressurreição, por sua vez, confirma essa obra e inaugura uma nova realidade: ela é o selo do Pai sobre a missão do Filho, atestando que a morte não detém o poder final. É a partir da ressurreição que Jesus é universalmente proclamado Senhor e Rei – o Kyrios –, Aquele que reina e que retornará em glória.

Marshall também interpreta a história bíblica como um vasto fio condutor que encontra em Cristo seu ponto culminante. O Antigo Testamento estabelece a preparação; o Novo Testamento testemunha o seu cumprimento. Jesus configura-se como o elo que unifica toda a revelação divina, o centro que confere sentido à Lei, aos profetas e à própria existência humana.

Em síntese, para I. Howard Marshall, Jesus Cristo constitui o coração pulsante da fé cristã: plenamente humano e plenamente divino, o revelador de Deus e o salvador da humanidade. Ele é o eixo em torno do qual se harmonizam todas as vozes do Novo Testamento.

Por conseguinte, mesmo diante da diversidade de perspectivas, uma mensagem singular e constante atravessa toda a Escritura: o Evangelho de Jesus Cristo, a boa notícia de que em Deus há redenção, vida nova e esperança para o mundo.

2.1 Distinções iniciais entre os quatro evangelistas

No que se refere às modalidades disponibilizadas pelos quatro evangelistas (Mateus, Marcos, Lucas e João), é possível notar, segundo Zuck, distinções contidas em cada um, na forma como registram a pessoa, obra e vida de Jesus Cristo. Isso ocorre porque, embora trabalhem biograficamente a vida de Jesus, eles não o fazem na modalidade e nos moldes do que entendemos como biografia na contemporaneidade.

A biografia na ambientação da sociedade moderna se limita muitas vezes ao detalhamento exaustivo e majoritário da vida do indivíduo. Exemplo: Nascimento, infância, adolescência, vida adulta e morte.

Já na perspectiva da teologia bíblica, vista por meio dos evangelistas, temos uma tratativa moldada pela intencionalidade do autor e suas percepções. Por conseguinte, os evangelistas são seletivos em seus registros. Isto é, eles não se limitam à fórmula presente dos métodos utilizados para o registro.

Eles possuem um modo próprio e inovador para escrever, que cabe em seu próprio tempo. No que se refere a Mateus, o foco está em mostrar Jesus como o cumprimento das profecias veterotestamentárias. Marcos, por outro lado, prioriza a ação e o poder de Jesus (Jesus como Servo de Deus em ação), registrando o ministério de forma rápida e incisiva. Seu foco reside em retratar Jesus como o Filho de Deus sofredor e, em particular, em evidenciar a resposta de fé contrastada com a incompreensão até mesmo por parte dos discípulos. Lucas-Atos, em sua unidade de dois volumes, demonstra a universalidade da obra de Cristo e o alcance expansivo do Evangelho aos gentios.

Lucas enfatiza a precisão histórica de seu relato, o papel do Espírito Santo e, crucialmente, a continuidade da história da salvação de Deus, desde Israel até a Igreja primitiva, mostrando o cumprimento das promessas divinas no Messias e a subsequente propagação da mensagem (em Atos).

2.2 Marcos e Mateus: Sobre o Filho de Deus

Foi realizada uma análise em que se constatou que Mateus, por exemplo, inclui um relato de eventos relacionados ao nascimento de Jesus e aspectos de seu ministério público e de sua morte.

Mateus foca em Jesus sob a perspectiva de Filho de Deus, devido ao fato de Ele ser totalmente voltado à vontade do Pai. Passagens como Mt 26.39: “E, indo um pouco

adiante, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero.”

A expressão Filho de Deus, segundo Zuck (2016), no Antigo Testamento era atribuída a Israel como um todo, e no Novo Testamento os cristãos são chamados também de filhos de Deus. Jesus, além de ser descrito como Filho de Deus por fazer a Sua vontade, também carrega esse título pelo fato de se cumprir n’Ele a promessa da virgem.

Ele é fruto do “Espírito Santo” (1.20), carrega sobre si a nomenclatura “Emanuel” (que significa Deus conosco) (1.23). Ele recebe todo o poder nos céus e na terra (28.18). No entanto, a designação Filho de Deus em Mateus se fundamenta primariamente em Sua origem divina e identidade messiânica (comprovada por ser Emanuel e pelo milagre da virgem), e é confirmada pelo Seu modo de vida, que demonstra um total entrega e dependência do Pai.

A abordagem de Marcos chama a atenção pelo fato de ele tratar Jesus de uma forma mais humanizada, destacando os aspectos de Suas emoções em respostas a diferentes momentos vividos por Ele.

Marcos, por exemplo, em 3.1-5, narra o momento em que Jesus cura o homem da mão mirrada. Ele expressa em sua narrativa aquilo que nenhum outro evangelista descreve: Sua indignação quanto aos fariseus que estavam ali com o coração endurecido e prontos para julgá-lo.

Marcos ainda relata a indignação de Jesus concernente a seus discípulos quando os mesmos repreendem as pessoas que levavam as criancinhas a Jesus.

Os sentimentos de Jesus não são sentimentos que se revelam por motivação pessoal. Diferente dos discípulos, que desejavam um lugar de destaque no céu, Jesus sempre esteve preocupado com o outro e com a Sua satisfação.

2.3 A Cristologia na perspectiva da Teologia Bíblica

Ladd (2003) observa que o termo Cristo, inicialmente, denota uma característica messiânica, algo trabalhado dentro da perspectiva judaica. Somente mais tarde essa designação passou a ser considerada como um nome próprio de Jesus, especialmente quando se nota a nomeação dada à igreja de Antioquia, onde os discípulos foram chamados pela primeira vez de “cristãos” (Atos 11.26).

É preciso analisar minuciosamente as nuances da mente judaica quanto à aceitação do messiado de Cristo. Do ponto de vista cristão, Jesus cumpriu todos os requisitos previamente registrados a seu respeito pelos profetas. O apóstolo Paulo, em suas cartas, utiliza majoritariamente o nome composto “Jesus Cristo” em suas citações, e, em alguns casos, refere-se mais a “Cristo” do que a “Jesus”.

Temos, portanto, a oportunidade de perceber que, apesar das problemáticas iniciais no mundo judaico, o termo e a nomeação “Cristo” tornaram-se expressões comuns e características próprias do mundo em que viveram os apóstolos.

A despeito disso, o período veterotestamentário é marcado por funções designadas por Deus. Dentre essas atribuições e vocações estão reis, sacerdotes e profetas. No que tange aos reis, há uma breve iniciação fundamentada em uma ambientação puramente teocrática, em que o próprio Deus reinava. Ainda que tenhamos um período de “representação delegada” do contato direto com Deus, o governo continuava sendo inteiramente da figura divina.

Fica evidente que o governo teocrático de Deus permanece real e visível. Não obstante, a ideia da representatividade do divino por meio do contato com o humano é vista desde os primórdios da criação. Não por acaso, desde Gênesis 1.26, é dito pela própria Trindade (em uma perspectiva de leitura cristã, com o “olhar cristão”): “Então Deus disse: Façamos os seres humanos à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Dominem eles sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais de rebanho, sobre toda a terra e sobre todos os animais que rastejam sobre a terra.”

Nota-se que, ao iniciar em Adão, esse método divino se repete, estendendo-se desde Adão até personagens ilustres como Sete, Enoque, Abraão, Isaque, Jacó e muitos outros indivíduos.

Entretanto, o cumprimento formidável e perfeito dessa representatividade se encontra na pessoa de Cristo e em sua obra — a única verdadeiramente perfeita e capaz de salvar. A unção disponibilizada aos reis marcava a continuidade da obra de Deus na humanidade, a partir do seu povo escolhido, e que posteriormente alcançaria toda a humanidade. Deste modo vemos vários ungidos até que viesse “O UNGIDO”, isto é, Cristo.

Não obstante, a figura de rei vista pelo povo de Deus nos outros reinos despertou o desejo de obter um rei. Por conseguinte, Deus não foi pego de surpresa. Esses ideais do povo já foram previstos por Deus na própria lei: “Quando entrarem na terra que

o Senhor, o seu Deus, dá a vocês, tomarem posse dela e nela tiverem se estabelecido, caso digam: 'Queremos um rei que nos governe, como têm todas as nações vizinhas',” (Deuteronômio 17.14).

O texto de Deuteronômio 17.14-20 apresenta um conjunto de requisitos estabelecidos por Deus para a escolha e conduta do rei em Israel. Em primeiro lugar, o monarca deveria ser aquele que o Senhor escolhesse, devendo necessariamente ser israelita, pertencente ao próprio povo, e não estrangeiro.

Além da origem, a legislação mosaica impunha restrições quanto à posse e ao comportamento do rei. Era-lhe vedado adquirir grande quantidade de cavalos, especialmente se isso implicasse em fazer o povo retornar ao Egito, o que contraria a ordem divina de não regressar por aquele caminho. Também lhe era proibido tomar muitas mulheres, a fim de evitar que seu coração se desviasse, e acumular excessiva prata e ouro, para não colocar sua confiança nas riquezas.

Além das restrições materiais e morais, o texto estabelece deveres espirituais e administrativos. O rei deveria, ao assumir o trono, mandar escrever uma cópia da Lei, tomando como base o exemplar guardado pelos sacerdotes levitas. Essa cópia deveria estar constantemente em sua posse, sendo lida diariamente, para que aprendesse a temer ao Senhor e obedecer fielmente a todos os mandamentos e estatutos.

O propósito dessas instruções era impedir que o rei se exaltasse sobre seus irmãos e se desviasse dos mandamentos, mantendo assim sua fidelidade a Deus. O cumprimento dessas orientações garantiria a estabilidade e a longevidade do seu reinado, bem como a continuidade dinástica entre seus descendentes. O detalhamento desses requisitos evidencia o padrão ideal de governo teocrático, um padrão que seria consistentemente violado pelos monarcas humanos de Israel, mas que seria perfeitamente cumprido apenas no Rei Messias, Jesus Cristo, o Ungido por excelência.

2.4 Teologia Joanina

A teologia joanina é marcadamente cristológica, concentrando-se integralmente na pessoa de Jesus Cristo. Em seu Evangelho, o apóstolo o apresenta como o Filho de Deus e o próprio Deus: o Verbo que se fez carne, a Luz do mundo e o Cordeiro de Deus que remove o pecado do mundo.

Nas epístolas, João se posiciona como uma testemunha ocular, afirmando ter visto, ouvido e tocado n'Ele (1 Jo 1.1), ressaltando a dimensão histórica de Jesus. No livro do Apocalipse, a cristologia é retomada com a figura do Cordeiro que foi morto e

reviveu (Ap 5.6; 13.8), remetendo à crença teológica de que Jesus Cristo, como o Cordeiro, constituiu o sacrifício definitivo para a salvação da humanidade, um plano preexistente na eternidade, anterior à criação do mundo e à entrada do pecado.

A abordagem de João é consistente em todas as suas obras, enfocando o Verbo que se fez carne, seja no Evangelho ou no Apocalipse, com suas visões do Cristo exaltado (Ap 1.12-16) e de seu triunfo final. O propósito central de João é elucidar a identidade de Jesus aos seus leitores.

Portanto, em lugar de elaborar uma teologia sistemática, o foco de João é integralmente cristológico, abordando a totalidade da pessoa de Cristo, e não em subdivisões, embora seja possível discernir essa perspectiva ao se analisar a obra de forma unificada.

2.5 O evangelho de João

O estilo narrativo de João se distingue notavelmente dos Evangelhos Sinóticos. Sua abordagem discursiva é caracterizada pela extensão dos diálogos de Jesus, uma particularidade em relação aos relatos de Mateus, Marcos e Lucas.

João emprega de forma recorrente o recurso retórico do duplo sentido, por meio de palavras ou conceitos inicialmente mal interpretados pelos interlocutores. Essa técnica é crucial, pois a incompreensão inicial permite a Jesus uma explicação mais aprofundada.

O exemplo clássico é o diálogo com Nicodemos (Jo 3.1-15), onde a perplexidade de Nicodemos em relação ao “novo nascimento” (pensamento terreno) leva Jesus a esclarecer a natureza celestial da doutrina, transmitindo, assim, uma compreensão teológica mais clara ao leitor.

Ademais, o Evangelho de João oferece uma contribuição afirmativa sobre a natureza humana de Jesus, refutando as teses heréticas contemporâneas. Essa ênfase é um contraponto direto ao Docetismo, que defendia que Jesus apenas “parecia” ter corpo físico (uma espécie de holograma), e ao Gnosticismo, que via a matéria como intrinsecamente má e, portanto, incompatível com a divindade.

A abordagem joanina demonstra uma continuidade teológica do Antigo para o Novo Testamento, ao apresentar Aquele que estava no princípio, participando da Criação e que se encarnou, habitando entre a humanidade, permitindo que se visse a Sua glória (Jo 1.1).

A apresentação de Jesus como Salvador da humanidade é solidificada no episódio de Tomé. Conforme observado por Zuck, embora Tomé exija evidências empíricas ao desejar tocar nas feridas de Cristo, seu papel é fundamental para a teologia joanina.

Ao ver e tocar as chagas do Cristo ressurreto, Tomé corrobora a narrativa joanina que inicia com a preexistência de Jesus (no princípio), prossegue com Sua manifestação na história humana (“vimos a sua glória”) e culmina na Sua ressurreição. A confissão de Tomé: “Meu Senhor e meu Deus!” (Jo 20.28) sela a completa divindade de Jesus.

Contribuição da Estrutura do Evangelho de João para Sua Ênfase Teológica. Um exame estrutural do Evangelho de João revela sua organização básica em torno de uma divisão central: Prólogo (Jo 1.1-18): Introduz os principais temas do Quarto Evangelho (o Verbo, a Luz, a Encarnação). Primeira Seção (Jo 1.19-12.50): Conhecida como “O Livro dos Sinais”, relata uma seleção de milagres (sinais) que funcionam como provas e testemunhos da identidade messiânica de Jesus. Segunda Seção (Jo 13.1-20.31): Inclui o “Discurso do Cenáculo” (grande material discursivo) e a narrativa da Paixão, enfocando o ministério privado de Jesus e Seu sacrifício. Epílogo (Jo 21.1-14): Retoma e reitera temas previamente abordados no Evangelho.

Essa estrutura, metodologicamente organizada em torno de sinais e discursos, reforça a ênfase teológica de João, que é levar o leitor à fé por meio da manifestação da glória de Cristo.

3. Teologia bíblica na prática

Ao trilhar o caminho que se inicia na teologia bíblica, é possível estabelecer um percurso dinâmico que abrange a teologia sistemática e a teologia prática. Na primeira, realiza-se uma análise robusta e aprofundada da fonte primária (a Bíblia).

Em seguida, avança-se para a teologia sistemática, que consiste na compartimentalização das principais disciplinas teológicas. Esse passo é essencial para sistematizar respostas a temas centrais da fé cristã, tais como a origem do ser humano, a queda, o pecado, a redenção e a glorificação. Todo este processo de sistematização, contudo, é realizado por meio da fonte mestra, que é a Bíblia Sagrada.

Por fim, o olhar se volta para a teologia prática, cujo objetivo é uma abordagem direta e aplicável. Nessa etapa, agentes da administração eclesiástica, pregadores, professores e demais líderes utilizam meios concretos e palpáveis para que o texto bíblico, sua ideia e intenção, se manifestem de forma visível e real na vida da igreja.

3.1 Práticas Possíveis

A partir da teologia bíblica, os exemplos de Cristo nos Evangelhos são imediatamente visíveis. É importante ressaltar que, embora cada evangelista possua sua perspectiva singular, o propósito central e unificado é promover e comunicar as verdades essenciais do Evangelho. Essa base teológica nos permite aplicar elementos vitais por meio da teologia prática na comunidade local.

A igreja, como corpo de Cristo, não pode apenas contemplar a doutrina, mas deve materializar a fé através de ações concretas que espelham o ministério de Jesus. Isso começa com a fomentação de estudos sistemáticos no seu seio, trabalhando as doutrinas básicas da fé cristã de modo intencional, visando a maturidade teológica de todos os membros e a capacitação de novos líderes.

Contudo, os exemplos e práticas de Cristo devem ser trazidos de modo não apenas claro, mas literalmente praticável no cotidiano. A humildade e o serviço radical demonstrados no lava-pés (João 13:1-17) encontram eco na criação de um Ministério da Diaconia Silenciosa, onde a liderança e os membros realizam tarefas de auxílio (visita a enfermos, apoio a idosos etc.) sem publicidade, reforçando que o maior é o servo.

A prática da hospitalidade e do compartilhamento de Jesus na mesa é replicada no incentivo à abertura de mesas em lares, transformando refeições comuns em momentos de inclusão, acolhimento e comunhão, estendendo-se a vizinhos e pessoas em vulnerabilidade.

Em essência, a aplicação da teologia bíblica exige que a comunidade implemente a ética do Reino por meio de ações sociais periódicas, oferecendo serviços práticos (como curativos, doação de recursos) aliados à Palavra e focando ativamente nos marginalizados. É nessa fusão entre o ensino doutrinário (teologia sistemática) e a ação visível (teologia prática) que a igreja cumpre seu chamado, tornando o evangelho não apenas uma verdade lida, mas uma realidade vivida e tangível no mundo.

Considerações finais

Em última análise, a presente pesquisa vai ao encontro das realidades do presente e do passado ao afirmar a centralidade incontestável de Jesus Cristo na história da salvação.

Para responder à questão de como os Evangelhos apresentam Jesus como cumprimento do plano divino de salvação à luz da Teologia Bíblica, o estudo empre-

gou uma análise teológica e exegética, fundamentada na perspectiva da revelação progressiva e no conceito de plano da promessa de Kaiser (2011), em diálogo com a metodologia de Zuck (2009).

Os objetivos propostos foram integralmente alcançados. Nessa convergência, a hipótese central, que postulava a unidade e a cristocentricidade da Escritura, foi plenamente confirmada. Os resultados demonstram que, apesar das ênfases singulares de cada evangelista (seja Mateus como o Messias-Rei, Marcos no Serviço, ou João na Divindade do Logos), todos convergem em reconhecer Jesus como o Filho de Deus e o consumidor das promessas veterotestamentárias. Essa convergência confirma a unidade temática da Escritura, cujo centro é a obra, morte e ressurreição de Cristo.

O estudo reforça, portanto, que a Teologia Bíblica não é apenas uma disciplina acadêmica, mas um referencial metodológico essencial com profunda relevância social e eclesial. Ao articular coerentemente o Antigo e o Novo Testamento, ela fornece bases sólidas para a Cristologia, orientando a Teologia Prática (como evidenciado na Seção 3.1).

A compreensão da unidade e da cristocentricidade da Bíblia transcende o mero conhecimento, posicionando o estudante e a igreja em uma visão crítica e transformadora da própria realidade, que é chamada a espelhar a ética e o serviço radical do Salvador no mundo.

Referências Bibliográficas

KALEXANDER, T. Desmond; ROSNER, Brian S. **Novo Dicionário de Teologia Bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

APOLINÁRIO, Fábio. **Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

BRUCE, F. F. **Os documentos do Novo Testamento: sua validade histórica**. 6. ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1985.

GUNDRY, Robert H. **Panorama do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento: a mensagem central**. São Paulo: Academia Cristã, 2008.

KAISER JR., Walter C. **O plano da promessa de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: JUERP, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARSHALL, I. Howard. **Teologia do Novo Testamento: múltiplos relatos, uma boa nova**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

MERRILL, Eugene H. **Teologia do Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica: uma análise da interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RICHARDS, Lawrence O. **Comentário histórico-cultural do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento**. 2. ed. São Paulo: ASTE, 2006.

VOS, Geerhardus. **Teologia bíblica: Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica: métodos e ferramentas**. São Paulo: Vida Nova, 1994.

ZUCK, Roy B. **Teologia do Antigo Testamento: um estudo expositivo das Escrituras Hebraicas**. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

ZUCK, Roy B. **Teologia do Novo Testamento: um estudo expositivo das Escrituras Cristãs**. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.



FAESP

FACULDADE EVANGÉLICA DE SÃO PAULO